## Meditações: quintafeira da XXXIII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quinta-feira da XXXIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Jesus chora por Jerusalém; o engano do pecado; descobrir os dons de Deus.

- Jesus chora por Jerusalém.
- O engano do pecado.
- Descobrir os dons de Deus.

A MEIO da encosta do Monte das Oliveiras, a leste de Jerusalém, fica a igreja conhecida como Dominus flevit. Segundo a tradição, foi ali que Jesus, «ao ver a cidade, chorou sobre ela», pois muitos não O reconheceram como o Messias. «Dias virão para ti -disse o Senhor, profetizando a destruição de Jerusalém- em que os teus inimigos te rodearão de trincheiras e te apertarão de todos os lados. Esmagar-te-ão a ti e aos teus filhos» (Lc 19, 43-44). Como todo o judeu piedoso, o Senhor amava Jerusalém. Desde a Sua apresentação no Templo, aquela cidade seria um lugar de destaque para a Sua missão. Foi lá rezar, pregar, fazer milagres... Por isso não fica indiferente à sorte que vai correr.

Mas o que mais preocupa Jesus são aqueles homens e mulheres que não quiseram acolhê-l'O como Messias. A Sua reação é a de qualquer pessoa

quando vê sofrer alguém que ama: chora pelo outro. O Senhor, como aconteceu naquele dia em que viu Jerusalém, sofre pelo mal que nós mesmos causamos pelo pecado. «Que valor deve ter o homem aos olhos do Criador, que mereceu ter tão grande Redentor!»[1], canta um hino litúrgico. Merecemos não apenas as lágrimas de Deus, mas até a última gota do Seu sangue. O Senhor «não pode ver as pessoas sem sentir compaixão»[2]. As Suas lágrimas por Jerusalém mostram-nos como é o coração de Deus e como reage quando nos afastamos d'Ele. Podemos também pedir que o nosso coração seja mais sensível ao drama do pecado para que, abrindo-nos à Sua graça, levemos conforto aos que nos rodeiam.

O SENHOR chora por Jerusalém porque não reconheceram Deus, e isso só pode causar sofrimento. É o drama que percorre a história da humanidade: o do amor fiel de Deus que nos procura para estabelecer uma aliança de amor, e as infidelidades no coração do homem por causa do pecado. «À luz de toda a Bíblia, esta atitude de hostilidade, ambiguidade ou superficialidade está a representar a de cada homem e a do "mundo" no sentido espiritual quando se fecha ao mistério do verdadeiro Deus, o qual vem ao nosso encontro com a desarmante mansidão do amor»[3].

Alguns autores da antiguidade cristã consideraram que «nós somos aquela Jerusalém sobre a qual Jesus chorou»<sup>[4]</sup>. Quando nos deixamos enganar pelo pecado, é esse mesmo mal que causamos a nós mesmos que, de alguma forma, aflige o Senhor. O verdadeiro drama do mal

não é tanto a desobediência a uma regra ou norma; é sobretudo, uma expressão de recusa do Seu amor, com a consequência de nos fecharmos em nós próprios, iludindo-nos que encontramos mais liberdade e autonomia». Todo o pecado acaba por mostrar a sua falsidade, ao privar-nos da alegria e da paz que Deus nos oferece.

Pelo contrário, a vida com Cristo leva-nos a abrir-nos aos outros e a encontrar a verdadeira liberdade. Não é uma existência marcada pela resignação de se submeter a alguma regra externa. É, antes, uma vida conduzida pelo amor que procura descobrir a verdade e a beleza de tudo o que Deus revelou e de todas as atividades quotidianas. «Gosto de falar da aventura da liberdade dizia S. Josemaria –, porque é essa realmente a aventura da vossa vida e da minha. Livremente -como filhos, insisto, não como escravos- seguimos o caminho que Nosso Senhor assinalou para cada um de nós. E saboreamos esta facilidade de movimentos como um presente de Deus»<sup>[6]</sup>.

POR VOLTA DO ANO SETENTA, a cidade santa foi cercada por tropas romanas. Após um longo cerco, o Templo foi destruído e as suas paredes completamente arrasadas. Assim se cumpriu a profecia do Senhor: «não deixarão em ti pedra sobre pedra» (Lc 19, 44). Jesus, logicamente, não Se alegra com o desastre que acontecerá mais tarde, mas chora por Jerusalém. Ele não veio para condenar, mas para anunciar a paz aos que estavam perto e aos que estavam longe (cf. Ef 2, 17). Por isso, ao contemplá-la, dirige-se assim às pessoas que ali vivem: «Se ao menos hoje

conhecesses o que te pode dar a paz! Mas não. Está escondido a teus olhos» (Lc 19, 42). Estas palavras parecem um eco das ouvidas pela samaritana junto ao poço de Sicar: «Se conhecesses o dom de Deus» (Jo 4, 10).

A vida cristã começa por descobrir o maior «dom de Deus»: sermos Seus filhos. Dia após dia Ele está ao nosso lado, espera por nós em cada momento. Para amar o Senhor «com todo o coração, com todo o entendimento, com todas as forças» (Mc 12, 33), não temos necessariamente que fazer coisas fora do comum. Vivemos recebendo esse dom de Deus quando percebemos que há uma graça -um dom divino- que espera por nós a cada momento e em cada pessoa que está ao nosso lado. Ali, no meio das batalhas da vida quotidiana, podemos alcançar a paz que tanto desejamos.

Santa Maria é rainha da paz. «Por isso, quando se agitar a tua alma, ou o ambiente familiar ou profissional, a convivência na sociedade ou entre os povos, não cesses de aclamá-la com esse título: Regina pacis, ora pro nobis!, Rainha da paz, roga por nós! Experimentaste-o alguma vez, quando perdeste a tranquilidade?... Surpreender-te-ás com a sua imediata eficácia»<sup>[7]</sup>. A Virgem nunca deixou passar nenhum dom que Deus lhe ofereceu e por isso soube recebê-l'O nas suas próprias entranhas: podemos ir a ela para nos abrirmos também nós à paz que o seu filho nos oferece a cada momento.

[1] Missal Romano, Hino *Exsultet* da Vigília Pascal.

- [2] Francisco, Meditações Matutinas, 29/03/2020
- [3] Bento XVI, Angelus, 06/01/2009.
- [4] Orígenes, Homilia 38, sobre o Evangelho de Lucas; PG 13, 1896-1898.
- [5] Francisco, Audiência, 30/04/2016.
- [6] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 35.
- [7] S. Josemaria, Sulco, n. 874.

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de <a href="https://opusdei.org/pt-pt/meditation/meditacoes-quinta-feira-da-xxxiii-semana-do-tempo-comum/">https://opusdei.org/pt-pt/meditation/meditacoes-quinta-feira-da-xxxiii-semana-do-tempo-comum/</a> (29/10/2025)